Narinja

Narinja

Jokha Alharthi

Tradução de
Jemima Alves



Ao Cheikh Hakim

9 Dedos

14 O prato do pai

18 Um massar de argolas marrons

23 Civilidade

27 Barro e carvão

31 A viúva se casa

34 Uma festa austera

38 A noiva e o recém-nascido rejeitado

42 A vida é uma pipa

44 Sobrenomes

47 A virgem

52 A cigana

55 As condições para o amor

57 A sala branca

60 O lenhador e o leão

62 Dínamo

65 Viagem / Passeio

69 Felicidade

73 Uma folha de mangueira

77 Nostalgia

80 Azul

81 Empatia

86 Os três macacos

89 Milagres

96 A guerra

100 Argumento suficiente

103 Os óculos

106 Uma chuva amarela da Índia

109 Perfeição

112 Teatro

115 Homem de gelo

119 Talismã

125 Enlouquecendo de alegria

129 O primeiro amor do menino

132 O perdão

135 A curiosidade

137 Escorpião

139 Imran

143 O coração é de cerâmica e água

145 A noite da predestinação

148 O noivo

150 O triângulo

153 Lençóis

156 O cavaleiro

Dedos

Abro meus olhos, num susto, vejo os dedos dela. Um por um, vejo cada um dos dedos. Carnudos, enrugados, as unhas grossas, e um único anel de prata. O dedão terminava com uma unha dura e preta e sinais de um ferimento grave que quase a fez cair. Eu não via a unha estranha como estranha. Ela me pedia para cortá-la, mas o cortador de unhas mais resistente não dava conta, e, todas as vezes, ela balançava a cabeça e dizia: "Khalaas, tenta com uma faca". Havia uma faca bem pequenininha que aparecia de algum lugar, do nada, mas eu não me arriscava. Cortava as outras unhas boas com a tesoura, e deixava para ela a tarefa da unha preta dura no dedão deformado.

Eu estou na cama estreita do meu quarto, no último andar da residência universitária. Desperto e vejo pela janela a neve que cai. Coloco os pés descalços no piso de madeira, com meu pijama comprido. Observo a neve e a escuridão, e vejo de repente a unha preta encurvada. Eu a vejo com clareza e sinto remorso. Volto para minha cama estreita. A voz dos meus colegas chineses na cozinha diminui e a música barulhenta no quarto da minha colega nigeriana também vai abafando. Eu vou caindo em remorso profundo.

Eu poderia ter feito algo pela unha preta em vez de deixá-la crescer daquele jeito, descuidada e retorcida. A palavra "negli-

gência" podia não existir. Mas existia. Existia, crescia e ficava comprida como qualquer unha sadia, confiante, arranhasse ou não. Como a minha própria unha, com o esmalte descascado que usei ontem na festa de aniversário da minha amiga paquistanesa. Sim, a palavra "negligência" ficou comprida, sem que tivesse cortador de unhas, sem nem mesmo esmalte, e, quando eu sufocava dentro do meu pijama comprido, na cama estreita, na noite nevada, sufocava de remorso. Sufocava com a negligência, com o descuido, com o descuido proposital.

Será que algum dia eu perguntei a ela: "O que aconteceu com o seu dedo?", talvez. Se perguntei, não me lembro do que aconteceu. Eu estava juntando as pontas das unhas boas que acabara de cortar para jogar fora. Ela queria que eu as enterrasse no quintal e eu ignorei. Não dei atenção de propósito. Puxou um saco branco com seus remédios debaixo de sua perna longa e me entregou. Não dava para ler quase nada; umas duas ou três linhas à tinta em cada pacote. Comprimidos brancos duas vezes por dia e comprimidos rosa três vezes. Para que eram esses remédios? Não sei. Nunca perguntei. Eu tinha que resolver vinte problemas do livro de Matemática e não ia perguntar sobre os remédios com letras apressadas à tinta nas embalagens.

Esqueço dos dedos, esqueço dos remédios. Numa noite, sem insônia, sem tristeza, sem lembranças, numa noite qualquer eu a verei num sonho.

Sentada, como passou os últimos dez anos de sua vida, o rosto bonito e cheio de rugas, um sorriso sereno e bondoso, e os braços estendidos para mim. Quando estendia os braços na minha direção, sua tarha comprida se desdobrava em dezenas de dobras de cores vívidas. Seu anel de prata brilhava no dedinho sadio, escondendo a unha preta machucada. E eu me lançava no colo dela.

O outono já tinha chegado, as árvores frondosas cercadas pela moradia universitária amarelaram e as folhas caíram. Os funcionários da limpeza varriam as folhagens amarelas dos passeios. As alunas exibiam sua resiliência ao tempo frio ao escolherem vestir minissaias. Eu estava lá, um instante antes, antes do instante em que eu abri os olhos e o outono chegou, eu estava nos braços dela. Eu estava sentido o cheiro de almiscareiro, de oud e de terra antiga. Estávamos invertendo os papéis. Eu estava repetindo as palavras que ela sempre repetia: "Não me deixe". Não, não invertemos os papéis absolutamente, ela estava sorrindo com ternura, e eu não fazia isso quando era ela quem dizia: "Não me deixe".

Eu parti. Ela partiu. E nada disso pode ser mudado. O que a mão do destino escreveu está escrito, "nenhuma de suas lágrimas e súplicas podem apagar uma única linha". Eu parti, sem sorrir. Parti com a superioridade do néscio e do negligente, do indiferente e do apático. O remorso, o remorso insolente, que me fez mais fraca que as folhas amareladas pelo outono, partidas pelas vassouras dos trabalhadores sob a minha janela.

Minha amiga paquistanesa tinha dedos afilados e harmoniosos, e unhas nunca tocadas por esmaltes. O nome dela era Surur, e era sinônimo de felicidade. Os cabelos longos e negros chegavam às costas e tinha um sorriso radiante. Ela estendia os dedos afilados, as unhas aparadas, e passava pelos cabelos, ela era sinônimo de felicidade. Seus dedos nunca sofreram um arranhão. Como se a vida a tivesse guardado no seu mais remoto abrigo, nas alturas. Sem qualquer ferimento ou cicatriz. Eu brincava com ela, dizendo: "Você é feita para o amor, ya Surur", e citava Qays Lubna:

O amor imprime no jovem sinais de magreza até desnudar de suas mãos as falanges

Ela ria.

Surur não gostou da palavra falange, e ela não era feita para o amor, sua irmã era.

No aniversário dela, pintei minhas unhas de vermelho. Surur estava com a cabeça em outro lugar. A irmã apaixonada se casou com seu amado em segredo. Era um casamento temporário e ninguém sabia. Surur, como irmã mais nova, deveria manter o segredo mesmo que descontente, embora fosse um fardo. Surur — que havia sido criada na luxuosa mansão de seu pai em Karachi, e só falava em língua inglesa — estava sendo consumida por esse segredo. Não compreendia como sua irmã passou de uma paquera estúpida ao ultrajante casamento temporário. E com quem? Um homem que só aprendeu a língua inglesa no secundário, em seu vilarejo em algum lugar no interior mais remoto do Paquistão. O pai dele não era um banqueiro distinto como o pai dela, e a mãe era uma camponesa que nunca ouvira falar que existia uma cidade chamada Londres. Kuhl, a irmã dela, aluna do último ano da escola de Medicina, encontrou um cheikh que fizesse um casamento temporário, unindo-a a seu amado. Surur, no seu aniversário de 22 anos, carregava o segredo, arrastando-o dentro de si como um dedo deformado com uma unha preta e torta.

Os cabelos negros e compridos de Surur espalhados sobre meus ombros enquanto ela soluçava: "Imagina, ya Zuhur, imagina, minha irmã, minha própria irmã se casou com um camponês!". Surur era mais bonita que sua irmã, se parecia com a mãe, que cresceu em Londres. Não fosse pelo casamento, teria se tornado uma estrela de teatro. Surur não usava nada no rosto, suas lágrimas eram gotas puras e brilhantes, não se misturavam com o preto do kohl e não se manchavam de pó. Eram gotas grandes brilhantes, adequadas, enquanto minhas lágrimas eram corredeiras sobre meu rosto empoeirado. Ela, com seu dedo da unha preta, secava as corredeiras sobre meu rosto e me passava a bengala: "Vá agora e bata neles". Eu fingia que ia e me escon-

dia no mussala atrás da casa. Isso foi no verão, antes que ficasse inválida, quando ainda caminhava pela tarde, todos os dias, entre nossa casa e os pomares, cortando todos os quarteirões onde brincávamos. Nesse dia, viu uma cena que se repetia havia muito tempo sem que ela soubesse: eu estava jogada no chão, Fattoum me rolava na terra, e seu irmão Ulyian puxava meu cabelo, enquanto as corredeiras de lágrimas cheias de terra não cessavam. Ela se aproximou, aquele esqueleto gigante, alto, corpulento, e, com a bengala em que se apoiava, bateu em Fattoum e Ulyian. Eles correram e ela foi atrás, esconderam-se dentro de casa. Ela ergueu a bengala e bateu com ela na porta de madeira, e por pouco não quebrou. Abu Ulyian abriu a porta e por um milagre escapou da bengala antes que ela acertasse seu olho: "Se você não educar seus filhos, a gente vai educar eles", ela lhe disse. Deu as costas e voltamos para casa sem olhar para mim.

Havia uns restos de bolo sobre a mesa e copos de papel com suco. Surur não ofereceu álcool em sua festa, então poucos colegas apareceram. Ela estudava língua árabe através dos textos clássicos, por isso podia ler Al-Tibri melhor do que o jornal. Leu alguns comentadores do Alcorão e se convenceu de que seu pai estava errado ao oferecer álcool nas suas festas barulhentas na mansão de Karachi e no apartamento de Londres. Achei que deveríamos limpar o espaço, mas Surur não parava de se lamentar da irmã: "Um camponês, a mãe e o pai, dois camponeses iletrados". O namorado de sua irmã não era um camponês, era aluno da escola de Medicina, como a irmã dela.

"Minha vó adoraria ser uma camponesa", eu disse num ímpeto. Me arrependi. "Sua avó", Surur levantou a cabeça. Sim, as palavras já tinham saído e não poderia recolhê-las, eu realmente disse: "Minha avó". Por que as palavras não vêm amarradas numa corda para serem puxadas de volta e assim colocarmos cada uma delas de novo nas nossas entranhas? Não. Não tem corda. O que foi dito está dito e encerrou o assunto.

O prato do pai

Aconteceu de tudo durante a Primeira Guerra Mundial.

O movimento de transporte de barcos a vapor no Golfo foi interrompido, as mercadorias diminuíram, o preço da saca de arroz chegou a cem qirches e o preço do saco de tâmaras a trinta qirches, cada qirch valia uma moeda Maria Tereza de prata. O preço da tarha de algodão feminina chegou a custar dois qirches inteiros. Quando os tempos da seca atacaram com suas garras. As falajes, que irrigavam as plantações, secaram. As tamareiras pareciam estar sob maldições. Os vilarejos se esvaziaram com a imigração dos moradores, que partiram para outras regiões em que a fome e a alta de preços davam trégua ou para o leste da África.

Ela e o irmão nasceram logo depois da guerra, em um dos vilarejos afetados por seca e inflação violentas. A mãe morrera de febre poucos anos após seu nascimento. Nessa época, entre as pessoas se ouviam burburinhos incertos de que uma companhia inglesa havia conseguido o direito de explorar o petróleo. Seu pai era um excelente domador de cavalos selvagens, mas sua nova esposa já o domara. Convenceu-o de que o melhor para os dois e para seus filhos era mandar embora os dois irmãos órfãos de mãe. Foi o que fez. O pai bateu no antebraço do filho no momento em que a mão se estendia para pegar a porção do prato compartilhado da família. Os grãos valiosos

de arroz escaparam da mão do menino de quinze anos. Sua irmã, dois anos mais nova, estremeceu e parou de comer. "Que vergonha! Você não tem vergonha de se sentar em torno do prato de seu pai e comer dele? Trate de comer da fadiga desse braço. Você não vai ter seu pai para sempre", o pai gritava. Assim partiram o menino e a irmã sob sua responsabilidade da casa do pai.

Ela me contou essa história no dia em que bateu em Fattoum e Ulyian, me livrou de uma vez por todas de rolar na terra e de ter os cabelos arrancados, mas eu não acreditei nela. Imaginei meu pai pegando meu irmão pela mão e me colocando nas mãos dele e nos expulsando de casa. Não é possível. Não é possível que isso tenha acontecido. Mas ela me contou a história muitas vezes depois disso. Todas as vezes, escorria uma lagriminha do olho sadio, não pela expulsão dos dois irmãos órfãos, mas por seu irmão não suportar o sofrimento do trabalho diário na construção de casas de taipa. Morreu em menos de dois anos após serem expulsos de casa.

"Sua avó? Queria ser uma camponesa?", repetiu Surur. Sim, eu não podia recolher as palavras por sua corda e fazê-las voltar. "Queria ter um pedaço de terra, mesmo que pequena, com tamareiras, mesmo que fossem só umas cinco, limoeiros, papaia, banana e narinja. Ela mesma plantaria, regaria e tomaria conta delas. Comeria de seus frutos e descansaria à sua sombra".

Minha amiga se calou, talvez por não entender. Recolhemos os copos e os pratos e limpamos as mesas. A festa acabou. Surur vai dormir e evitar tocar no assunto do casamento de sua irmã. O sonho de minha avó despertará.

Viveu sonhando com um pedacinho de terra para cultivar e viver dos seus frutos até a morte. O sonho nunca se realizou, como nunca se realizou qualquer outro sonho seu, qualquer sonho. Nem mesmo quando embarcou na caminhoneta Bedford para ir de seu vilarejo a Mascate para encontrar o doutor

Thoms, um médico famoso da Missão, que recuperaria o sonho da vista de um dos olhos perdida com ervas da ignorância, quando era criança. Doutor Thoms a fez perder o sonho lhe dizendo que a dor que sentia em seu olho iria cessar sozinha. A infusão de ervas que tinha posto continuamente no seu olho dolorido a fez perder a vista para sempre, e não havia cirurgia que pudesse devolver-lhe a vista. Disse a ela que tinha que se conformar com o olho sadio. Ela se conformou. Embarcou na caminhoneta e voltou para seu vilarejo.

Eu, ainda com a vista embaçada pela opacidade de seus braços abertos para mim, esqueço que ela morreu e começo a procurar por ela. Percorro os corredores entre os quartos, ouço a discussão dos meus colegas chineses e os gemidos da minha colega nigeriana transando com um aluno colombiano, de quem ela começou a gostar nos últimos tempos. Me dou conta de que estou descalça na cozinha fria, a neve ainda não parou, e eu me lembro de que ela está morta, então paro de procurar por ela entre os corredores.

Kuhl tentou convencer sua irmã, Surur, a, vez ou outra, deixar seu quarto, para que tivesse momentos de privacidade com seu marido. Ele morava num apartamento pequeno com mais cinco alunos paquistaneses, e era impossível para ela ir até lá. Ela morava com uma parenta casada num apartamento colado à escola de Medicina. A moradia universitária era muito longe da escola, e, mesmo se tentasse, não seria possível finalizar o processo de mudança para a moradia universitária antes do final do semestre. Os dois já tinham gastado todo o dinheiro com hotéis baratos e *Bed and Breakfast,* e o pai banqueiro era bem austero com as transferências mensais para as filhas. Depois de se opor, Surur acabou concordando e passou a deixar a chave para a irmã e ficar horas na biblioteca da universidade ou estudando no jardim. No final das contas, Surur não suportava a ideia, chegou a me confessar que se sentia imunda,

os pais nunca foram avarentos com qualquer coisa, e lá estavam as duas tramando pelas suas costas. Surur me disse que ela não podia parar para pensar no que os dois faziam no seu quarto. Ficava imaginando a mão grosseira dele, de camponês, sobre o pescoço delicado de sua irmã. Os lábios repulsivos percorrendo o corpo bem tratado dela. Disse que esse era uma tortura insuportável.

Um massar de argolas marrons

Caminho pelas ruas antigas carregadas de história com minha mochila nas costas cheia de livros, meus tênis bem amarrados. Caminho pelas ruas, uma completa estrangeira no sentir, nos gestos e no falar. Penso na tortura de Surur, na "imundícia", nas justificativas humanas. No final, todas as pessoas fazem o que querem e encontram suas justificativas. As justificativas nascem com as ações para facilitar o nascimento. Quando me canso de caminhar, sento num café com vista para a rua e tomo um café preto. Paro de me preocupar com Surur, sua irmã ou com as justificativas humanas. Não vejo o café na caneca gigante, eu enxergo uma xicrinha com café marrom segura por dedos enrugados e roliços. Vejo a pouca sombra do muro interno da casa e ela sentada sobre a esteira com as pernas estendidas, bebendo café. Sob a Narinja sombreira, ela bebe o café no seu tempo, sem qualquer fardo ou reflexões, sem desejos e sonhos. As crianças cresceram, seu colo está vazio, a vista do único olho cansada, a mão esvaziada da agulha, da linha e do tecido. As pernas enfraqueceram e já não caminha mais pelas tardes entre nossa casa e os pomares. Estava apenas sentada. Bebendo o café e nada mais. Respondia aos cumprimentos das vizinhas quando passavam e espantava as moscas insistentes. Dizia uma palavra ou outra, bebia seu café, sem atribuições, como se o momento fosse eterno e o passado nunca tivesse existido.

Como se as justificativas de seu pai para expulsá-la de casa com seu irmão não a perturbassem mais. Como se a vida e juventude de seu irmão não tivessem sido soterradas sob as paredes de taipa que ele construía em troca de cinco baissas por parede.

Ela se sentava na escassa sombra, bebendo café. O tempo em que ela torrava os grãos marrons, moía no pilão de ferro com as próprias mãos e depois observava o café ferver no bule de cobre se eclipsou, e ela passou a só se arrastar do quarto até a sombra do muro. O bengali levava da cozinha a garrafa térmica produzida em Taiwan e uma xicrinha. Colocava ao lado dela sem olhar para ela, e a deixava, como nós, como todos nós a deixávamos. Corríamos para os amigos, para as tarefas da escola, para os nossos segredinhos, para a televisão, para as corridas de bicicletas, para as intrigas do bairro, e ela permanecia ali, mesmo quando, na sombra do muro, não dizia mais: "Não me deixe". Ela se comportava como se deve e compreendia as justificativas humanas, ou não pensava nelas. Em silêncio, ela bebia seu café.

Saí da cafeteria, coloquei minha mochila no ombro. Começou a nevar outra vez, eu abraço meu casaco de lã. Como nosso corpo consente com tanta facilidade com uma roupa que nunca aprendeu a usar? Quando eu era criança, ela trazia um chale de algodão verde e enrolava no meu pescoço no inverno. Eu não ousava me opor, vestia as roupas leves que ela costurava no verão, e me enrolava com o chale de cheiro forte no inverno. Eu trocava minhas roupas tradicionais para ir à escola e vestia o avental azul. Eu trocava minhas roupas tradicionais para ir a Mascate, vestia saia e camisa. Eu mudava minhas roupas tradicionais para viajar para países frios, vestia casaco e calças compridas. Ela nunca tirou a roupa do vilarejo de onde vinha. Mesmo quando seus pés desistiram de carregá-la e ela passou a se arrastar até a sombra do quintal, nunca reclamou que sua roupa comprida a atrapalhava. Continuou sentada lá como sempre fez: com a tarha colorida de algodão, a roupa preta bor-

dada no peito e que se estendia até os tornozelos, com as mangas finas e coloridas, com a saruel justa nas pernas, bordada em prata fina na bainha. Nunca vestiu uma abaya na vida, ou qualquer outro traje além desse, o qual ela cresceu usando. O guarda-roupa dela abrigava algumas túnicas, saruéis trabalhadas e nada mais. Os pijamas eram roupas velhas do mesmo tecido, e não tinha roupas íntimas. O seu pequeno mandus, tinha alguns vidros de perfume oleoso de cores opacas e uma tornozeleira de prata que ela herdou da mãe. O bauzinho guardava também algumas tigelas de porcelana chinesa e pilhas compactas de tarhas coloridas, todas elas de algodão e estampadas com rosas grandes e vermelhas, ou árvores verdes, ou estrelas amarelas. Todas com uma impressão na barra, escrita em letras grandes palavras em suaíli que ela não podia ler, assim como qualquer outra língua. As mulheres chamavam a tarha colorida africana de *ghadfa* ou *lissu*, mas ela chamava de *massar*.

Quando era criança, na época em que seu irmão mal podia prover comida para os dois, ela já desejava ter um massar colorido e cobrir a cabeça como as demais mulheres. Desejava mais que tudo, antes que aprendesse a desistir dos desejos e seus excessos. Ela foi até o dono da única loja de seu vilarejo. Cumprimentou-o e não disse mais nada, ele se ocupava de algumas caixas empilhadas e potes de samna e mel, então disse em voz alta como se ela não estivesse ouvindo: "O que que Bint Aamir quer aqui?". Ela observou com o olho sadio as pilhas de massar dos sonhos, e disse em voz baixa: "Quero um massar". O dono da loja suspirou: "Mas um massar custa dois qirches e você depende totalmente do seu irmão, que trabalha pra ganhar por dia", e voltou a se ocupar dos tecidos importados da Índia, duryahi e ibrayssam. Minha vó, contudo, não se moveu, ficou ali parada. Não olhou para as sedas indianas, mas para o massar cujo preço, passado vários anos desse episódio, chegou a um quarto de qirch. Naqueles dias, tempos de fome e infla-

ção, o massar custava dois qirches: uma quantia que nunca tinha chegado à sua mão. O dono da loja olhou para ela intrigado. Ela repetiu: "Quero comprar um massar a prazo. Vou fazer carvão e te pago os dois qirches". Disse as duas frases de uma só vez, e, quando as palavras lhe escaparam, não estariam mais aprisionadas em suas entranhas. Seu peito se encheu de ar, o peito de uma menina que acabara de se despedir da infância para se tornar uma mocinha, sem jamais reparar em sua pequena protuberância. Mas o dono da loja reparou. Deu um empurrãozinho em uma das folhas da porta de madeira e a loja que não tinha janelas caiu na escuridão. "Vem aqui pertinho olhar o massar pra você escolher um. Você não é menos que as outras filhas de Adão que têm um massar." Minha vó se aproximou sem acreditar no favor dele. Pegou um massar macio entre suas mãos e o olhar do dono da loja permanecia sobre o seu peito. Ele perdeu o fôlego perto dela. "Vou te mostrar algo mais bonito que o massar". Abriu o izar enrolado na cintura e foi ao encontro dela num movimento repentino. A mocinha era órfã de mãe, pobre, enxotada de sob as asas do pai, mas ainda era filha dele. Filha de um cavaleiro cuja coragem as mulheres louvavam em suas cantigas. Por um momento, ela saltou de susto, não entendeu direito o que via. Ela se deu conta de que ele queria dela algo desonroso. Havia ali uma barganha. Gabou-se do pai, que a mandou embora: "Eu sou Bint Aamir". Gritou repetidas vezes, jogou o massar na cara dele e fugiu da loja.

Depois de dois dias, a irmã do dono da loja veio até ela com um massar estampado com argolas marrons entrelaçadas. Entrou no cômodo decadente, prestes a desmoronar, que abrigava a menina e o irmão, abriu o massar na frente dela: "Bonito?". Ela engoliu em seco e a irmã do dono da loja continuou: "Fique com o massar. Mas você tem que pagar os dois qirches antes do Eid". Era sua primeira alegria na vida, desde a morte da mãe. Prometeu pagar a dívida antes do Eid. Quando se des-

pediu dela e encontrou o massar entre suas mãos, colocou-o sobre a esteira e passou os dedos sobre as argolas marrons uma a uma. Preferia um massar estampado com rosas vermelhas, mas o mais importante era que agora tinha um massar novo e macio, mesmo que de argolas marrons. Estava andando nas nuvens, chorou rios de alegria e dormiu abraçada ao massar.

Desde esse dia, passou a acompanhar as mulheres mussakhamat, que se ocupavam da produção e venda do carvão, garantindo tâmaras e água. Saía com elas até as margens do deserto para juntarem troncos durante o dia. Quando o sol estava se pondo, ateavam fogo na madeira e enterravam na areia. Sentavam em volta do buraco, esperando que o tição se transformasse em carvão. As mussakhamat comiam suas tâmaras e passavam a noite esperando. De madrugada, o tição já tinha se transformado em sukham, as mulheres então removiam a areia e juntavam o sukham preto. Dividiam em partes para cada uma delas e amarravam o feixe nas costas, para voltarem a suas casas antes do nascer do sol. No souq, o fardo de carvão era vendido por meio qirch. Minha vó deveria sair por uma semana inteira, todos os dias, até que juntasse um fardo que pudesse vender. Seu rosto ficou preto de pó de carvão, as roupas puídas de tanto carregar madeiras, mas ela conseguiu juntar os dois qirches de prata antes do Eid para pagar o massar.

Saiu com as mussakhamat para ajudá-las e para se despedir disse que voltaria de vez em quando para fazer carvão. Tinha que ajudar o irmão nem que fosse um pouco. Foi obrigada a ficar esta noite com elas, Umayra entrou em trabalho de parto e as mulheres se ocuparam dela, deixando o buraco com o tição. Ela teve que vigiá-lo até que se transformasse em sukham, para então juntá-lo. Umayra deu à luz antes da madrugada um menino de cabelos crespos. Enrolou-o num trapo, ajeitou-o sobre a porção dela de sukham e se despediu das mulheres. Antes de o sol nascer, estavam ela, sukham e seu menino de volta ao vilarejo.

Civilidade

Acordo na minha cama, no breu. Não ouço nada, eu estava ali, neste espaço de chão de terra do quintal dos fundos. Eu corria. Esse espaço parecia pecaminoso. Eu estava perseguindo este sentimento, eu corria sozinha. Ela não estava no meu sonho, eu sonhei com um lugar, com uma transgressão infantil. Ela não estava lá. Para onde fugiu do meu sonho? Por que não voltou estendendo seus braços, sorrindo todas suas rugas, exalando civete de seu seio? Talvez tenha escapado do meu sonho só um pouquinho, mas o suficiente para levar nossa vizinha Cheykha Maluca de volta para casa depois de sair sem saruel. O suficiente para pegar meu irmãozinho Sufiyan por baixo das axilas, jogá-lo pra cima e agarrá-lo de volta, cantando: *Misk wi-zbbaad wi-uud wi-hall, tammayt sanatayn la adhan wa-la akhal… musk e civete, oud e óleo, passou dois anos sem tintura e sem kohl*. Talvez tenha deixado meus sonhos para reverenciar o túmulo do Profeta, o qual sonhou visitar mas nunca pôde. Ou talvez para delinear o olho sadio, embora a vista já enfraquecida, com kohl. Não sei dizer, ela deixou meus sonhos e não voltou. Nunca mais gritei de pijama: "Não me deixe". Nunca mais sorriu com graça e me enterrou em seu abraço. Ela foi quem partiu, me abandonou, me deixou nesse ciclo interminável de neve, outono, verão e primavera, sem vir aqui uma única vez, nenhuma vez. Será que não me perdoou? Será que se cansou

de compreender as justificativas humanas? Será que finalmente decidiu nos deixar com nossas ocupações e puxar de volta suas palavras "Não me deixe" para o lugar onde ela enunciou? Será que ela possuía a mágica linha fina que puxa de volta as palavras pelos calcanhares e as devolve para as entranhas? Talvez tenha juntado todas as palavras de "Não me deixe" e "Não me deixem", pegado de volta e guardado com ela. Talvez tenha desistido de perdoar os pecados do mundo.

Eu estava no escuro, na cama transitória no país estrangeiro. Minha alma queimando por sua incapacidade humana de retroceder um único momento. Eu só pedia por um momento e era impossível. Olharia para trás uma só vez, retrocederia um só passo, e não partiria. O cabelo da minha vó sempre tão bem-cuidado ao longo da vida com óleos, penteados e trançado, nunca fora cortado, ficou desgrenhado sobre o rosto e ombros, branco quanto a verdade. Estava fraca, a carne de seu esqueleto gigante derreteu, as unhas descuidadas não se encaixavam mais em dedos roliços. Seus olhos agora pouco discerniam as sombras humanas e a boca comia com dificuldade. Estava entrando no quarto da minha vó e prendi a respiração por conta do cheiro de urina, eu a cumprimentava quase gritando e de modo apressado. Ela berrava: "Zuhur, Zuhur, quero arroz". Eu dizia a ela que tinha trazido arroz, mas ela não conseguia mastigar. Eu fugia do odor, dos grãos de arroz em volta de sua boca, de sua unha preta, que juntava sujeira por debaixo. Eu fugia e ela gritava: "Zuhuuuuur, não me deixe, fique comigo um pouquinho, só um pouquinho, Zuhur. Eu quero uma companhia, não me deixe". Eu ia. Não, este momento único não volta. Não adianta implorar por isso. Eu ia embora, "Zuhuuuur… Zuhuuuuur". Eu era Zuhur, mas eu não era uma flor de pessoa. Nunca olhei para trás, ela continuava berrando por um mês inteiro: "Não me deixem, fiquem comigo". Não ficamos, nem eu,

nem meu irmão Sufiyan, nem minha irmã Sumayya. Fugimos daquele cabelo branco desgrenhado e de seu cheiro. Fugimos de sua falta de civilidade, do bom senso de que algumas coisas não se pedem.

Caminhei pela cidade e fui para as salas de estudo. Comi um sanduíche frio na cafeteria e tomei um chá na cozinha da residência universitária com Surur, mas trazia sobre meus olhos uma venda. Eu não podia enxergar. Não sei por que não enxergava, e o que não enxergava. Eu sentia uma venda sobre os olhos, sentia que não via algo, que não entendia.

Surur havia enfrentado sua irmã: "Até quando dura o contrato deste casamento temporário? Um mês? Dois? Minha paciência já se esgotou". "Nosso contrato é de seis meses, mas vamos torná-lo vitalício, fomos feitos um para o outro", respondeu sua irmã, cheia de confiança.

"Ela disse que foram feitos um para o outro, Zuhur", Surur veio me contar. "Ninguém foi feito para ninguém, quem dirá um roceiro ignorante de classe baixa criado para uma princesa branca e refinada. Mas ela quer tornar o casamento vitalício. Meu pai vai morrer de tristeza se souber disso." Sim, Surur era bonita, mas não fora feita para o amor, não amará nunca. A venda sobre seus olhos era grossa, e ela não enxergava.

Vestiu o massar de argolas marrons, amarrou com um nó os dois qirches na ponta e se dirigiu até a loja. Estava fechada. Uns meninos que por ali jogavam com bola de pano feita por eles mesmos contaram a ela que o dono da loja estava em casa à beira da morte. Foi até a casa dele e a irmã do comerciante a levou até o quarto, tão escuro quanto a loja. Os cheiros de azeite de oliva, pimenta-do-reino e cravo com que fora untado era sufocante. Viu a esposa sentada aos pés dele com os olhos vermelhos. Ele arquejava como se implorasse por ar. Ao lado da cabeceira estava o mutawwib: "Diga: astaghfirullah min zanubi

kulaha. Deus perdoe os meus pecados, os triviais e os consideráveis, os aparentes e os ocultos, os grandes e os pequenos, os conhecidos e os desconhecidos". O dono da loja não abriu a boca. Arquejou e fez sinal para o copo de água na mão da esposa. Minha vó se aproximou, parou diante da cama do moribundo e falou com a voz bem alta, como se ele não pudesse ouvir: "Eu sou Bint Aamir, vim pagar minha dívida pelo massar que comprei fiado". Parou de arquejar e olhou na direção dela, ela desfez o nó na ponta do massar e lhe entregou dois qirches. Ele estendeu a mão languida, pegou o dinheiro com os dedos tremendo e arquejou de novo. O mutawwib disse a ele: "Perdoe a dívida dela, devolva à Bint Aamir os dois qirches". O dono da loja segurou os dois qirches com firmeza e os meteu debaixo do travesseiro. Minha vó saiu, deixando para trás o quarto e a casa dele. O massar agora era realmente dela, ela agora era livre.